

OS EFEITOS DA AVALIAÇÃO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO NO CURRÍCULO ESCOLAR

**OLETO, Priscila
PINHEIRO, Paola
LOCKMANN, Kamila**
*prioleto@hotmail
Tchepp_18@hotmail.com*

Evento: Congresso de Iniciação Científica.

Área do conhecimento: Educação. Tópicos específicos de Educação.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação Nacional da Alfabetização–ANA; Currículo; Discurso.

INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado a uma pesquisa maior, que tem por finalidade analisar as articulações entre as avaliações em larga escala, especialmente a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) e a inclusão escolar de alunos inseridos no Ciclo de Alfabetização de algumas escolas públicas municipais do Rio Grande do Sul. Esta desdobra-se em diversos eixos de análise, porém neste momento elencamos o currículo escolar. Com isso pretendemos compreender como essa avaliação vem produzindo efeitos no currículo escolar de modo a regulá-lo e controlá-lo.

REFERENCIAL TEÓRICO:

O trabalho apoia-se na perspectiva pós-estruturalista, principalmente a partir das contribuições do pensamento de Michel Foucault, assim como de alguns autores contemporâneos como Veiga-Neto (2003). Importa salientar que compreendemos os discursos, a partir de Foucault (1987, p.56), como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”.

METODOLOGIA

Esta investigação refere-se a uma pesquisa qualitativa composta por dois momentos metodológicos: uma análise documental sobre as leis e documentos que regulamentam a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), principalmente o documento básico, publicado em julho de 2013; e a aplicação de entrevistas e questionários com professores e de escolas públicas municipais localizadas em sete cidades do Rio Grande do Sul (Rio Grande, Pelotas, São Leopoldo, Porto Alegre, Lajeado, Alegrete e Bento Gonçalves). Este trabalho refere-se ao primeiro movimento empreendido, contendo somente a análise documental baseada no eixo do currículo que foi construído, fundamentalmente, a partir do Documento Básico.

RESULTADOS e DISCUSSÃO

Com base nas análises realizadas podemos compreender que embora o discurso contido no documento básico da ANA enfatize as limitações quanto a verdade produzida a partir dos seus índices e resultados, esta avaliação vem controlando e regulando o currículo, uma vez que determina matrizes que estabelecem um padrão de normalidade para ser seguido. Isso pode ser evidenciado

nos excertos abaixo:

[...] foi definido um conjunto de conhecimentos e habilidades matemáticas necessárias a alfabetização em matemática, esperada na faixa etária a qual o instrumento se destina. (BRASIL, 2013, p.18)

[...] um conjunto de conhecimentos e habilidades linguísticas necessárias à proeficiência na leitura e na escrita, esperados para a faixa etária à qual o instrumento se destina, alunos de 7 e 8/9 anos de idade. (BRASIL, 2013, p.16)

Com a definição destas matrizes fica claro o quanto os conhecimentos das áreas disciplinares de Português e Matemática, são priorizados em detrimento das outras que compõe a matriz curricular para os anos iniciais. Mesmo assim, o documento salienta que:

Não se considera essa matriz como indutora do currículo escolar, e sim como norteadora de uma avaliação em larga escala, isso porque o trabalho em sala de aula deve se estender muito além do que está sendo proposto nessa avaliação em função das limitações apresentadas pelo instrumento. (BRASIL, 2013, p18)

Mesmo com tal ressalva argumentamos que a partir da forma como divulgam não só as matrizes de referência, mas também os resultados destas avaliações, se produz efeitos no currículo que acabam definindo o que deve ser trabalhado e o aquilo que fica secundarizado. A questão é que atualmente a ênfase nas avaliações acabam por partir dos resultados e este determina o planejamento e a execução das práticas pedagógicas, ou seja, regulam o currículo.

O que me parece deveras interessante e sintomático é o atual deslocamento das práticas curriculares no sentido de privilegiar a avaliação. Recorrendo ao sequenciamento curricular que sai do *planejamento*, passa pela *execução* e chega à *avaliação*, pode-se dizer que atualmente estamos assistindo a um forte deslocamento de ênfase para o lado direito dessa sequência. Em outras palavras, estamos assistindo a um *desvio à direita*. Com a expressão *desvio à direita*, quero ressaltar não apenas um deslocamento de ênfases, mas, também e ao mesmo tempo, uma quebra e reorganização da sequência tradicional nas operações curriculares (planejamento—execução—avaliação); tal sequência passa a ser avaliação—planejamento—execução. É a avaliação que preside tanto o *como*, o *que*, o *para quem* planejar quanto o *como*, o *com quais recursos* e o *quando* executar. (VEIGA-NETO, 2013, p. 165).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Diante das discussões aqui apresentadas podemos dizer que a avaliação age como um farol do currículo escolar (VEIGA-NETO, 2013) definindo aquilo que será prioridade em sua composição. Acreditamos que tais discussões poderão ser aprofundadas na continuidade da pesquisa.

REFERENCIAS:

BRASIL, *Avaliação nacional da alfabetização (ANA)*: documento básico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

VEIGA-NETO, Alfredo. Delírios avaliatórios: o currículo desvia para a direita ou um farol para o currículo. In: FAVACHO; André Márcio Picanço; PACHECO, José Augusto; SALES, Shirlei Rezende (orgs.). *Currículo, conhecimento e avaliação: divergências e tensões*. Curitiba: CRV, 2013, p. 155-175.

**14ª Mostra da
Produção Universitária**

de 26 a 29 de outubro

